

## **ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA DA IDEOLOGIA DE GÊNERO**

Neide Cardoso de Moura – Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Erechim – Rio Grande do Sul

O estudo e a pesquisa sobre a temática das relações de gênero em livros didáticos de Língua Portuguesa: permanências e mudanças, teve como propósito a realização de uma análise diacrônica, na perspectiva das discriminações de gênero, presentes nos livros didáticos, endereçados a alunos/as da antiga 4ª série do ensino fundamental publicados no período entre 1975 e 2004.

A análise foi produzida nos contextos interpretativos da teoria da ideologia de Thompson (1995), o qual sugere algumas estratégias ideológicas para manutenção de relações de poder, para a pesquisa destacaram-se as seguintes: eufemização, naturalização, reificação. Amparou-se, também no conceito de gênero de Scott (1995), bem como nos estudos contemporâneos sobre as discriminações de gênero/mulheres, Rosemberg (1975, 1981, 1993, 1996, 2001, 2005), entre outros.

A perspectiva metodológica adotada teve como base a Hermenêutica de Profundidade (HP) proposta por Thompson (1995), a qual envolveu três etapas: 1ª) análise sócio-histórica (contexto de produção, construção e reprodução dos livros didáticos); 2ª) análise formal ou discursiva (análise interna as formas simbólicas → análise de conteúdo – que configuraram as ilustrações desses livros); 3ª) a interpretação/reinterpretação da ideologia de gênero como processo síntese, o qual articula as duas fases anteriores, na qual se buscou melhor compreender e apreender os resultados das fases anteriores.

A justificativa pela delimitação do período de – 1975 a 2004 – ocorreu em função de ter sido um período muito rico no plano da mobilização social das mulheres, tanto em cenário internacional, quanto brasileiro. Entre nós, a partir da década de 70, foi quando se organizou o chamado neofeminismo (Sarti, 1989) e quando a “questão das mulheres” ou a “condição feminina”, de início, e a “igualdade de oportunidades de gênero”, posteriormente, adentraram na agenda de políticas públicas, no debate acadêmico e na ação militante partidária, sindical ou comunitária. Dentre as recomendações e propostas, o combate ao machismo, ao sexismo, à discriminação contra as mulheres no plano simbólico ocupou lugar de relevo e, entre os veículos de expressão simbólica, os livros didáticos

tiveram destaque (Farah, 1998). Por outro lado, foi um período de consolidação da política nacional do livro didático, acompanhando a intensa expansão do ensino fundamental.

Dáí o interesse em perguntar se tal movimentação é perceptível na representação do feminino e do masculino nos livros didáticos de Língua Portuguesa ao longo desse período e no confronto com o que fora observado por outras pesquisadoras, especialmente Regina P. Pinto (1981), em outros momentos.

O interesse pelos livros didáticos articulado ao emprego da categoria gênero na área educacional não visa somente a reflexão sobre padrões de exclusão e de separação entre mulheres e homens, ao contrário visa relacionar gênero e educação para melhor compreender que a educação escolar é uma das instâncias sociais que influenciam, confirmam, produzem, sustentam e transformam os processos de formação identitária de alunos e alunas das escolas brasileiras.

A pesquisa teve por objetivo apreender permanências e mudanças nos livros didáticos em perspectiva diacrônica cujo objetivo foi apresentar uma visão linear das modificações e/ou permanências presentes nesse material didático.

Como resultado dos dados auferidos observou-se a permanência de padrões “sexistas” na representação de personagens masculinos e femininos: mulheres sub-representadas enquanto personagens no texto e, uma certa bipolaridade “ativo-passivo”, “casa-mundo” são padrões que parecem permanecer. Outra observação importante é a de que apesar das constatações, em termos estatísticos, de que as mulheres ostentam melhores indicadores educacionais, ainda são representadas como seres não equivalentes aos homens.

O quadro abaixo ilustra o número da amostra dos 33 (trinta e três) livros didáticos de Língua Portuguesa, dos quais foram selecionadas 251 (duzentas e cinquenta e uma) unidades de leitura, nas quais foram observadas 1372 (um mil trezentos e setenta e dois) de suas personagens. Nas ilustrações dessas mesmas unidades observou-se 626 (seiscentos e vinte e seis) personagens e 120 (cento e vinte) das ilustradas nas capas desse material didático.

## **Distribuição dos dados dos livros didáticos**

### **Quadros 1**

<b>Período considerado</b>	<b>1975-2003</b>
Número de livros da amostra	33
Número de unidades de leitura na amostra	251
Número de personagens nos textos	1372
Número de personagens nas ilustrações	626
Número de personagens nas capas	120

### **A Seleção da amostra dos livros didáticos**

Organizou-se um quadro com os títulos depositados na Biblioteca Nacional (para o 1º e 2º período). Para o 3º período utilizou-se os Guias de livros didáticos de Língua Portuguesa de 1996 a 2003 que contemplaram livros com as seguintes classificações: “recomendados com ressalva” – “recomendados” – “recomendados com distinção” não foram considerados os “excluídos”.

Os títulos correspondentes a cada período foram dispostos em listas e numerados – com o auxílio da Tábua de Números Aleatórios, onde foram sorteados em ordem cronológica crescente, assim obteve-se uma amostra para: o 1º período de 9 livros; 2º período de 11 livros; 3º período de 13 livros, totalizando 33 (trinta e três) livros didáticos analisados.

### **Procedimentos para análise de conteúdo**

Seguindo a proposta de Bardin (1985) utilizou-se três unidades de análise: o livro – a unidade de leitura – a personagem no texto, na capa e na ilustração. Para a análise foram adaptados manuais – utilizados por Bazilli (1999) – Escanfella (1999) e Nogueira (2001) adaptados de Rosemberg e Pinto (1981).

- Manual 1 – Dados Catalográficos dos livros;
- Manual 2 – Unidades de Leitura;
- Manual 3 – Personagens presentes no Texto;
- Manual 4 – Personagens nas ilustrações das Unidades de leitura e nas capas.

Para cada manual foram estabelecidas categorias para o levantamento dos dados que a pesquisa buscava, mantendo-se as já utilizadas pelas autoras acima mencionadas, por entender que contemplaria os objetivos desta pesquisa.

No decorrer deste artigo apresentaremos – no formato de quadros – as informações obtidas sobre as amostras seguindo as características dos autores, das fontes utilizadas nas unidades de leitura, dos personagens no texto, nas unidades de leitura e nas ilustrações, para uma melhor apreciação dos dados coletados e dos resultados auferidos.

### Características predominantes da autoria por tipo de análise

**Quadro 2**

Características	Tipo de unidade			
	Livro (N=33)		Unidade de Leitura (N=251)	
	N	%	N	%
Sexo feminino	24	72,7	104	41,4
Sexo masculino	5	15,2	133	53,0
Cor / etnia branca	10	30,3	181	72,1
Cor / etnia indeterminada	23	36,7	67	26,7
<b>Período de nascimento</b>				
1920 a 1949	11	33,3	108	43,0
1950 e +	2	6,1	28	11,2

As mulheres brancas são maioria na autoria de livros (72,7%), mas menos representadas na autoria das unidades de leitura (41,4%). Pertencem a faixa etária mais madura.

**Características predominantes da autoria por tipo de currículo literário dos/as autores/as**

**Quadro 3**

Características	Tipo de unidade			
	Livro Didático (N=33)		Unidade de Leitura (N=251)	
	N	%	N	%
<b>Currículo literário</b>				
Exclusivamente Livros Didáticos	<b>29</b>	<b>90,6</b>	20	8,0
Exclusivamente Literatura Infantil	--	--	<b>56</b>	<b>22,3</b>
Principalmente Ficção Adulta	--	--	41	16,3

Notou-se que a grande maioria dos/as autores/as se dedica a organização de livros didáticos.

**Distribuição de frequência das fontes das unidades de leitura**

**Quadro 4**

Fontes	N	%
Literatura em geral	<b>31</b>	<b>12,3</b>
Literatura infantil	<b>177</b>	<b>71,5</b>
Revista	12	4,8
Outros	3	1,2
Jornal infantil	12	4,8
<b>Jornal</b>	<b>7</b>	<b>6,8</b>
Indeterminado	9	3,6
<b>TOTAL</b>	<b>251</b>	<b>100,0</b>

Os dados revelaram a grande utilização de fragmentos da literatura infantil, porém observou-se o pouco cuidado em relação a seleção e organização desses fragmentos configurando-se em pequenos textos sem sentido, fato que dificulta o entendimento e o envolvimento pelo “gosto” da leitura entre os/as alunos/as.

### Frequência de personagens no texto por sexo, cor/etnia e idade

**Quadro 5**

<b>Características predominantes</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>		
Feminino	353	25,7
Masculino	812	59,2
Misto	161	11,7
<b>Idade</b>		
Criança + adolescente	513	37,4
Adulta + idosa	729	53,1
<b>Cor/etnia</b>		
Preta + parda + indígena	72	5,2
Branca	698	50,9

Convém ressaltar que a análise das personagens se restringira as humanas e antropomorfizadas reduzindo o número de 1.372 para 1.086 personagens.

A frequência das personagens evidenciou as seguintes características prevalecentes, serem do sexo masculino; em idade adulta e de cor/etnia branca.

Na sequência apresentaremos as características das personagens ilustradas em geral, nas capas e nas unidades de leitura.

## Atributos prevalentes de personagens por suporte

Quadro 6

Atributos prevalentes	Ilustração N=626		Capa N=120		Texto N=1372	
	N	%	N	%	N	%
<b>Sexo</b>						
Feminino	165	26,3	46	38,3	353	25,7
Masculino	<b>387</b>	<b>61,3</b>	<b>71</b>	<b>59,1</b>	<b>812</b>	<b>59,2</b>
<b>Idade</b>						
Criança + jovem	<b>336</b>	<b>48,7</b>	<b>100</b>	<b>83,3</b>	<b>505</b>	<b>36,8</b>
Adulta + idosa	278	40,3	19	15,8	729	53,1
<b>Cor/etnia</b>						
Negra + indígena	97	14,1	25	20,8	72	5,2
Branca	<b>471</b>	<b>68,3</b>	<b>88</b>	<b>73,3</b>	<b>698</b>	<b>50,9</b>

Observou-se que nas ilustrações, também, a predominância de personagens masculinas se evidencia. Tal predominância levou Rosemberg (1975) a usar a metáfora do homem como “representante da espécie humana”. Pondera-se que essa persistência predomina nos dias atuais, fato que acentua a presença masculina, mas o que incomoda não é essa presença e, sim a ausência da feminina.

Esta observação aponta para um dos modos de operação da ideologia (Thompson 1995: 87) a **reificação**, isto é, “quando relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal”. Nesse sentido notou-se como essas situações, entre outras refletem as desigualdades de gênero que perpassam o espaço educacional, ou melhor, se materializam nele.

Percebeu-se, também que as contracapas de alguns livros dissimulam as relações de poder, operando uma eufemização, neste caso desperta uma “valorização positiva” – o livro não tenderá a apresentação de preconceitos ou estereótipos de “sexo” e “idade” .

Nesse sentido algumas contracapas, ao apontarem uma atenuação das relações de poder expressas nas páginas do livro, operam uma eufemização – estratégia ideológica de construção

simbólica. Nesse caso, a contracapa desperta uma “valorização positiva” (Thompson, 1995:84): o livro não apresentaria “preconceitos” ou “estereótipos” de sexo e idade.

Após a capa, é, com efeito, a contracapa a página de apresentação do livro à criança, à comissão de seleção e aos (às) professores(as) que desempenha essa função de seduzir, que dissimula, que eufemiza. Como observa Pires (2002, p. 46) “é o momento em que o (a) autor (a) tece ‘laços de intimidade’ com o(a) leitor(a)”. Para ilustrar essas considerações selecionou-se uma contracapa, que assim se apresentou:

Caro(a) aluno(a)

Milton Nascimento canta uma música que diz: “Há um menino, há um moleque/morando sempre no meu coração”.

E foi pensando nesse moleque, que adora bolas de gude e está guardado com carinho em nossos corações, que criamos este livro com muitas brincadeiras, para tentar proporcionar a você alegria e prazer.

Portanto, divirta-se, aprenda, faça sucesso.

Afetuosamente,

Júlia e Norma

Livro 26 - *Língua Portuguesa com Certeza!* (1997, sp)

Apesar do uso do (o) (a) o endereçamento é para os alunos, nublando a intenção das autoras. O uso do (o) / (a) como politicamente correto dissimula, seduz “olhares pouco avisados”.

Em outro livro observou-se o uso de “você, criança”. Criança (e não aluno) foi o termo evocado no único título de livro personificado: *A criança e a comunicação*. Em nenhum título se menciona aluno ou aluna, amigo ou amiga: esse uso é impessoal. Não por acaso, o termo “criança” é um nome “comum de dois” de gênero gramatical feminino.

Reconhece-se, pois, na construção das narrativas, das ilustrações e das capas a metáfora do “homem branco adulto como representante da espécie” que foi interpretada como reificação da supremacia masculina, branca e adulta. Tal supremacia pode ser aparentemente abalada quando jogos de sedução com a criança leitora são acionados.



## **O que expressaram as ilustrações**

As grades de análise não previram apreender, de modo sistemático, tais aspectos na ilustração das unidades de leitura e nas capas. Procurou-se apreender estes e outros sinais de proximidade e diferenciação nas ilustrações a partir de uma análise mais qualitativa.

Personagens masculinas e femininas se diferenciam, nas ilustrações, em todos os períodos, pelas roupas (apesar de meninas usarem calça comprida), por acessórios, tais como brincos, fitas nos cabelos (muito frequentes), bonés para os meninos; e, ainda por vezes, mulheres adultas usarem avental, porém, não foram muitas, especialmente no 3<sup>a</sup> período. Na ilustração de professoras e professores, o acessório privilegiado são os óculos, hábito comum a todos os períodos.

Personagens masculinas também aparecem com outros acessórios (boné, chapéu, malas) e, no exercício profissional, de avental, (sapateiro, garçom, operário). Porém, o avental vestido por personagens masculinos não se referem ao exercício de atividades domésticas, entretanto para as femininas é uma constante essa representação.

## **Outros destaques ilustrativos**

Também não se encontrou com frequência cenas contrastivas em que o menino age e a menina observa. Observamos que meninos e homens adultos foram, na maioria das vezes, ilustrados em ação (nos três períodos). Isso não quer dizer que as personagens femininas estivessem sem ação; mas em razão de personagens masculinas serem muito mais ilustradas, pode-se apreender que ação está associada ao masculino. Notou-se, porém, maior atenção com a aparência física das mulheres, algumas vezes apresentadas como mais “graciosas” em determinadas situações.

Meninas também estão em ação: dançam, se irritam, pulam, jogam bola, protestam, entre outras. Meninos também são seres representados em situações calmas. Porém, o futebol, é uma referência, tanto no texto quanto na ilustração para todos os períodos. Ocasão para representar personagens masculinas em abundância, e lembrar-se das femininas e das diferenças. Em tempos modernos, ainda a figura feminina não tem representação satisfatória nas questões ligadas ao esporte, principalmente o futebol.

### **Análise diacrônica**

A análise de conteúdo em perspectiva diacrônica consistiu na comparação de dados processados com base na tabulação da variável sexo por categorias que descrevem as personagens nas dimensões literárias e sócio-demográficas e por período, ao considerar: (1º período 1975-1984; 2º período 1985-1993; 3º período 1994-2003).

Foram selecionados para esta explanação alguns resultados: iniciaremos com o quadro que explicita as características predominantes dos autores dos livros didáticos por período, no intuito de percebermos as questões ligadas ao gênero também presentes nos/as autores/as dessa literatura didática.

### **Características predominantes dos(as) autores(as) de livros didáticos por período analisado**

**Quadro 7**

<b>Características predominantes</b>	<b>Períodos</b>					
	<b>1º (1975-1984)</b>		<b>2º (1985-1993)</b>		<b>3º (1994-2003)</b>	
<b>Sexo</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Feminino	5	55,6	9	81,8	12	92,3
Masculino	2	22,2	3	27,3	--	--
<b>Cor/etnia</b>						
Branca	5	55,6	3	27,3	2	15,4
Indeterminada	4	44,4	8	72,7	11	84,6

Os/as autores/as, nos três períodos, são em sua maioria mulheres e de cor/etnia branca, e na análise empreendida verificou-se que a escolha pelas unidades de leitura foram em sua grande parte de autoras, esse fato evidencia que as autoras dos livros didáticos mostram uma preferência por autoras, ou um certo desconhecimento sobre a importância e a abundância de autoras da literatura infantil brasileira.

**Características predominantes dos (as) autores (as) de livros didáticos por período analisado**

**Quadro 8**

Características predominantes	Períodos					
	1º (1975-1984)		2º (1985-1993)		3º (1994-2003)	
Período de nascimento	N	%	N	%	N	%
1920 a 1939	5	55,5	--	--	--	--
1940 a 1949	1	11,1	5	45,5	--	--
1950 e +	1	11,1	1	9,1	--	--
Currículo literário						
Exclusivamente Livros Didáticos	8	88,9	10	90,9	11	91,7

Como se observa, no quadro 7, as tendências nos três períodos são próximas: predominância de autoras mulheres e de indeterminação quanto à cor/etnia. Quando esta é informada, ocorre equivalente predomínio de autores (as) brancos(as) nos três períodos. Destacou-se esse item “quando esta é informada”, pois a dificuldade de caracterização referente a cor/etnia dos/as autores/as, foi um dado dificultador, para as análises. A questão da identificação de cor/etnia dos/as autores é sub-representada quando se busca essa informação.

Nos três períodos a maioria dos/as autores nasceu entre 1920 e 1949. De modo similar, nos três períodos, a quase totalidade vem se dedicando exclusivamente ao labor de produzir livros didáticos.

Na sequência apresentaremos as características predominantes dos(as) autores(as) das unidades de leitura por período.

**Características predominantes dos (as) autores(as) das unidades de leitura por período**

**Quadro 9**

Características predominantes	Períodos					
	1º (1975-1984)		2º (1985-1993)		3º (1994-2003)	
Sexo	N	%	N	%	N	%
Feminino	32	40,0	39	48,1	33	36,7
Masculino	<b>48</b>	<b>60,0</b>	<b>40</b>	<b>49,1</b>	<b>44</b>	<b>48,9</b>
Cor/etnia						
Branca	<b>62</b>	<b>77,5</b>	<b>54</b>	<b>68,4</b>	<b>64</b>	<b>71,9</b>
Indeterminada	17	21,3	25	31,6	23	25,8

Como salientado anteriormente, aqui se constatou a presença, nos três períodos, de autores e de cor/etnia branca. Esses dados corroboram com a pergunta que “não quer calar”: por que a pouca presença de autoras da literatura infantil, nas unidades de leitura dos livros didáticos brasileiros?

**Características predominantes, quanto ao currículo literário, dos(as) autores(as) das unidades de leitura por período**

**Quadro 10**

Características predominantes	Períodos					
	1º (1975-1984)		2º (1985-1993)		3º (1994-2003)	
Currículo literário	N	%	N	%	N	%
Exclusivamente livros didáticos	6	7,5	11	13,6	3	3,3

Exclusivamente literatura infantil	3	3,8	2	2,5	2	2,2
Exclusivamente ficção infantil	16	20,0	24	31,1	16	17,8
Principalmente obras ficcionais	16	20,0	10	12,3	15	16,7

Percebe-se que a maioria se dedica exclusivamente a ficção infantil, seguida pela dedicação aos livros didáticos, nos três períodos.

Em relação aos atributos do (a) narrador(a), percebeu-se que, a despeito da maior indeterminação referente ao sexo, à idade e à cor/etnia notada, as tendências são as mesmas nos três períodos: ocorre predomínio de narradores de sexo masculino e brancos. Portanto, as particularidades do terceiro período, pelas inovações percebidas na pesquisa, não foram suficientes para imprimir mudanças nesse aspecto.

No tocante a profissão exercida pelas personagens listou-se um maior número de ocupações masculinas que femininas, em todos os três períodos, com exceção do segundo, em que ocorre uma diminuição das ocupações para ambos os sexos. Notou-se um privilegiamento de ocupações de prestígio para ambos os sexos, porém mais acentuadamente para as masculinas, por exemplo a profissão de médicos, atletas entre outras. Com destaque para as profissões educacionais, em todos os períodos para personagens femininas: professoras, diretoras de escola, como bem tem demonstrado a literatura e as pesquisas que tiveram como foco as discriminações de gênero.

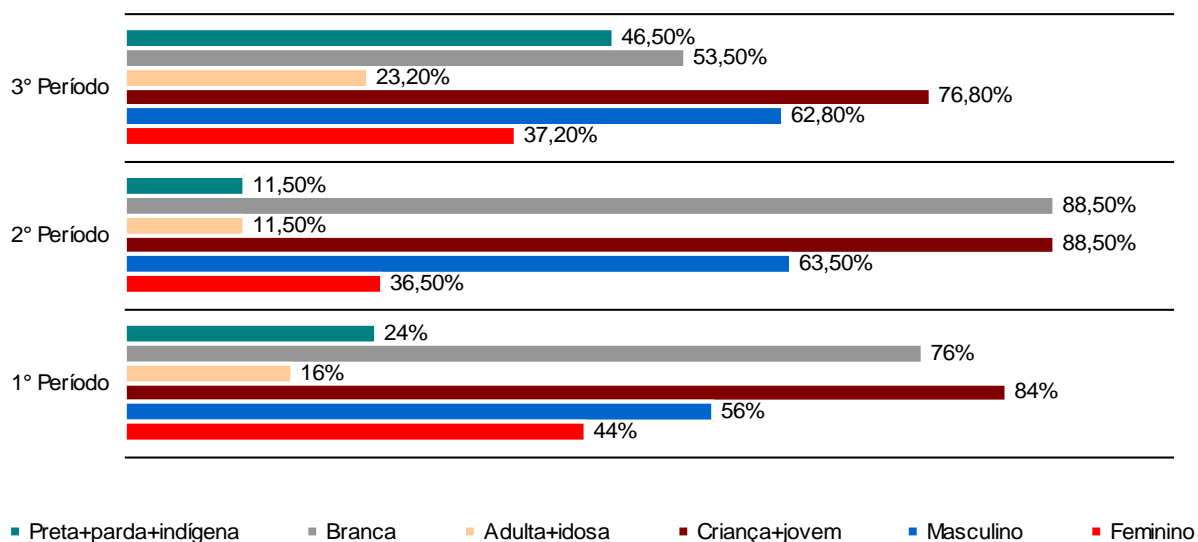
Três tendências puderam ser destacadas: a permanência de ocupações vetustas; uma modernização das ocupações no terceiro período, quando aparecem bibliotecário(a), psicólogo(a), astronauta (com pequena incidência); uma diferenciação na diversidade e no tipo de ocupações entre personagens masculinas e femininas. Na sequência destacamos os dados que revelaram as características das personagens em relação as questões familiares.

Notou-se diferenças quanto à variável sexo na caracterização social das personagens que vão no sentido de uma associação entre o masculino e a esfera do trabalho, e o feminino e a esfera da família.

Observaram-se algumas tendências persistentes e convergentes que perpassaram os três períodos nas categorias como: profissão (mais frequente entre personagens masculinas) e relações familiares (mais frequente entre personagens femininas). Na análise foram as personagens femininas que apareceram envoltas a laços familiares, fato que demarca as diferentes situações entre o feminino e o masculino quando se trata de relações afetivas no âmbito familiar.

Essa análise sobre algumas categorias (as aqui apresentadas) acentua a seguinte direção: as novidades introduzidas na política do livro didático (avaliações, alterações no contexto de sua produção) não provocaram mudanças nesses aspectos do conteúdo dos livros.

O gráfico abaixo sintetiza e explicita as características predominantes dos personagens nas ilustrações presentes nos livros didáticos analisados, destacando-se as de sexo/gênero; cor/etnia e idade observadas nos três períodos analisados.



A comparação entre os três períodos relativa à representação de personagens nas capas e nas ilustrações sugere manifestação das tendências já apontadas, ou seja: em todos os períodos, capas e ilustrações veiculam maior número de personagens de sexo masculino e de cor/etnia branca.

Esses dados revelaram a predominância branca e a invisibilidade tanto negra como indígena presentes nos livros didáticos que fazem parte da construção e constituição tanto das subjetividades masculinas como femininas.

Os dados sobre as idades das personagens apresentaram outra configuração: personagens crianças/jovens são mais representadas nas capas do que personagens adultas e idosas, em todos os períodos. Esse dado pode ser interpretado como apelativo, afinal o público alvo é o/a aluno/a das escolas brasileiras.

Percebeu-se certa atipicidade nas ilustrações das unidades de leitura do 1º período (maior número de adultas/ idosas). Com efeito, no 2º e 3º períodos, as ilustrações representaram crianças e jovens, ocorrendo o mesmo para as capas dos livros didáticos.

Para a variável sexo, nas capas, não ocorreu uma diminuição progressiva do diferencial masculino-feminino, conforme se avança nos períodos. Nas ilustrações das unidades de leitura do 1º e 3º períodos há uma presença significativa de personagens masculinas.

### **Algumas considerações que a pesquisa como um todo possibilita socializar**

A pesquisa permitiu alguns apontamentos decorrentes da análise empreendida nos três períodos analisados:

- predominância numérica de personagens masculinas sobre as femininas no texto, na ilustração, nas capas, porém menos intensa que a de personagens brancas sobre as não-brancas, mas mais evidente que a de personagens adultas sobre infantis; personagens infantis predominam numericamente, sobre adultas nas capas e nas ilustrações;
- intensa modificação na apresentação gráfica, extensão, ilustração e diversificação de gêneros textuais nos períodos – percebemos inovações na configuração dos textos utilizados nos livros didáticos analisados;
- tendência à maior associação entre o masculino e o mundo do trabalho e entre o feminino e o mundo da família – esse tendência permanece inalterada, mesmo com os avanços femininos no mundo do trabalho extra- doméstico;

- persistência de ocupações vetustas, ocorrência de novas ocupações/profissões, predomínio de ocupações de prestígio e, entre as ocupações femininas, predomínio do magistério;
- atenuação dos diferenciais entre o masculino e o feminino no período de 1975 a 2003, porém não se nota impacto do PNLD, na comparação entre os anos de 1975-2003;
- presença de diferenciais mais intensos entre o masculino e o feminino nos livros didáticos do que na literatura infanto-juvenil.

Nessa direção evoca-se a conceituação de Scott (1995) ao observar que os livros didáticos participam do processo de construção social do gênero, atribuindo significados às “diferenças percebidas” entre os sexos e hierarquizando relações de poder: indubitavelmente, nos livros analisados, encontraram-se componentes simbólicos que configuraram “o homem como representante da espécie humana” (p.57).

Assumindo a mesma perspectiva de Thompson (1995), acredita-se que o livro didático universaliza, naturaliza, essencializa, a-historiza a supremacia masculina sobre a feminina. Em suas palavras, “um estado de coisas que é uma criação social e histórica pode ser tratado como um acontecimento natural ou como resultado inevitável de características naturais [...]” (p. 88).

Assumindo o ponto de vista de Scott (1995), apreendeu-se que esses livros constituem uma das instâncias sociais que fixam a permanência intemporal da representação binária do gênero masculino e feminino ao manter um padrão relativamente constante dessa configuração, filtrando (até certo ponto) as contradições explicitadas em outras esferas sociais (movimentos feministas), mas inova em outras (como a mediação das ilustrações e dos textos), porém limita e reduz as possibilidades interpretativas dos símbolos, e a construção de novas metáforas. Esses apontamentos possibilitaram levantar seguintes questões:

Por que certas inovações ocorrem e outros aspectos permanecem? Por que tão pouca inovação? Essas indagações conduzem a percepção de que, ainda, há um longo caminho a percorrer.

No transcorrer dos três períodos analisados (1975 a 1984 – 1985 a 1993 – 1994 a 2003), foi possível captar permanências e mudanças na produção, circulação e



recepção dos livros didáticos no Brasil. Pode-se afirmar que a questão desse material didático escolar foi se constituindo, gradativamente, como um dos problemas sociais que integram a agenda de políticas públicas educacionais brasileiras. Observou-se, inicialmente, um processo de consolidação na esfera federal da política do livro didático, com formalização e incremento de sua distribuição gratuita e de sua avaliação.

No que diz respeito à avaliação, notou-se que foi introduzido, na pauta das discussões, o tema da qualidade, ali incluídas questões relacionadas à cidadania, que passaram a incorporar, entre outros aspectos, a perspectiva de gênero. Nesses períodos, a literatura infanto-juvenil expandiu-se, foi renovada, introduziu gêneros narrativos e temas novos, conheceu novos (as) autores(as) e ilustradores(as). O movimento feminista se reorganizou em cenário nacional e internacional (neofeminismo). Na agenda feminista, incorporou-se a “educação diferenciada” e o combate ao sexismo nos livros didáticos, porém as mudanças, ainda se mostraram acanhadas.

O conceito de gênero (em diversas acepções) foi introduzido na área da educação e das políticas educacionais, inclusive na produção de livros didáticos. A inclusão do conceito, porém, ocorreu de modo mitigado, sem que tenham sido alterados os paradigmas da reflexão sobre gênero e sobre educação. No mais das vezes, gênero é sinônimo de mulheres e adultas.

A análise permitiu observar, que a despeito de toda movimentação no campo da produção; do incremento da temática “sexo/gênero” na agenda das políticas públicas, que o livro didático permanece como veículo das discriminações de gênero, apesar de mudanças, ainda insuficientes.

Assim, o tema do sexismo no livro didático passou a se constituir em uma preocupação das políticas educacionais. Em cenário internacional, notou-se que o tema (do sexismo), em livros didáticos, vem envolvendo atores sociais os mais diversos, dentre os quais: governos, movimentos feministas, pesquisadores(as), organizações não-governamentais e internacionais, autores(as) e entre outros profissionais. No Brasil, reparou-se a participação quase que exclusiva do governo, da academia, dos movimentos feministas e autores(as). Percebeu-se um aumento da produção acadêmica, feminista e governamental sobre a questão. Ocorreu o aumento do número de pesquisas, diversidade

maior quanto às disciplinas e aos níveis escolares enfocados. Entretanto Beisiegel (s/d) já advertia que “[...] não obstante o muito que se avançou, os resultados ainda são insatisfatórios [...]”; sob esta perspectiva, ainda há muito espaço de atuação para os movimentos de mulheres e de negros no campo específico da produção de livros didáticos”. (p. 30)

Corroborando o acima exposto, também se percebeu que são poucos os estudos em perspectiva diacrônica. Os conceitos privilegiados são “preconceito e estereótipos”; o foco é o impacto na socialização de gênero, especialmente a das mulheres. As pesquisas brasileiras sobre “mulheres e gênero” nos livros didáticos observaram:

- a pouca atenção dada, inicialmente, às relações étnico-raciais;
- o predomínio de personagens masculinas sobre as femininas no texto e na ilustração dos livros para os diversos níveis de ensino e disciplinas;
- “polarização ou bipolarização” na configuração do masculino, sempre visto como ativo e associado ao trabalho; e o feminino como passivo, associado ao “lar”;
- tendência à atenuação dos diferenciais no transcorrer dos tempos.

No transcorrer dos três períodos (1975 a 1984 – 1985 a 1993 – 1994 a 2003), foi possível observar permanências e mudanças na produção, circulação e recepção dos livros didáticos no Brasil. Pode-se afirmar que a questão desse material escolar foi se constituindo, gradativamente, como um dos problemas sociais que integram a agenda de políticas públicas educacionais brasileiras. Observou-se, inicialmente, um processo de consolidação na esfera federal da política do livro didático, com formalização e incremento de sua distribuição gratuita e de sua avaliação.

O que essas constatações sugerem? Uma busca intencional e explícita de ensinar que se deve combater “preconceitos” e “estereótipos”; ensinamento que convive com outros, decorrentes da fabricação do livro, de textos, de ilustrações e de vinhetas (por vezes) que recriam, sustentam e reproduzem a metáfora do “homem como representante da espécie”.

Poder-se-ia argumentar que as mensagens são contraditórias, que uma avança e outra recua. Entretanto as mensagens não são contraditórias, pois quando coexistem dessa forma, dissimulam o conflito das relações de poder. Nesse sentido, recorreremos a Thompson (1995) quando esclarece que

as relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes. (p. 83)

Portanto a formulação atual da pauta da política de livros didáticos para a formação cidadã nos parece insuficiente. A veiculação de “preconceitos explícitos” vem sendo questionada e reprimida de há muito. A sociedade brasileira há muito tempo, usa um discurso público igualitário. Somos uma sociedade que homenageia as mulheres: oferecem-nos flores em diferentes locais, no dia 8 de março. Reservamos espaços nos livros para discutir o sexismo e o racismo. Mas continuamos a privilegiar o masculino e a embalar as capas dos livros com crianças, muitas delas meninos.

Assumindo a mesma perspectiva de Thompson (1995), acredita-se que o livro didático universaliza, naturaliza, essencializa, a-historiza a supremacia masculina sobre a feminina. Em suas palavras, “um estado de coisas que é uma criação social e histórica pode ser tratado como um acontecimento natural ou como resultado inevitável de características naturais [...]” (p. 88).

Na esteira das reflexões de Scott (1995), pode-se conceber que esses livros constituem uma das instâncias sociais que fixam a permanência intemporal da representação binária do gênero masculino e feminino ao manter um padrão relativamente constante dessa configuração, filtrando (até certo ponto) as contradições explicitadas em outras esferas sociais (movimentos feministas), mas inova em outras (como a mediação das ilustrações e dos textos), porém limita e reduz as possibilidades interpretativas dos símbolos e a construção de novas metáforas.

## **Referências**

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1985. [Trad.: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro].

BAZILLI, Chirley. Discriminação contra personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea. São Paulo, 1999. Dissert. (mestr.) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social.

BEISIEGEL, Celso. Cultura e democracia. Rio de Janeiro: Fundo Nacional de Cultura, s/d.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Programa Nacional do Livro Didático: histórico e perspectivas. Brasília, 2000.

ESCANFELLA, Célia M. Construção social da infância e literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea. São Paulo, 1999. Dissertação (mestr.) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social,

FARAH, Marta F. S. Gênero e políticas públicas. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v.12, n.1, jan/abr. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104)>.

NOGUEIRA, Dione M. S. Um olhar sobre discriminações sexuais na Literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea. São Paulo, 2001. Dissert. (mestr.) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social.

PINTO, Regina P. O Livro didático e a democratização da escola. São Paulo, 1981. Dissertação (mestr.) Universidade de São Paulo.

PIRES, Suyan. Maria. F. Representações de gênero em ilustrações de livros didáticos. Porto Alegre, 2002. Dissertação (mestr.) Universidade do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação.

ROSEMBERG, Fúlvia. Avaliação de Programas, Indicadores e Projetos em Educação Infantil. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 16, p. 19-26, jan./fev./mar./abr. 2001.

\_\_\_\_\_. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n.1, p. 43-51, jan./jun. 2001.

\_\_\_\_\_. Da intimidade aos quiprocós: uma discussão em torno da análise de conteúdo. Cadernos CERU. São Paulo, n. 16, p. 69-80, 1981.

\_\_\_\_\_. Desigualdades de raça e gênero no sistema educacional brasileiro. Seminário Internacional: Ações afirmativas nas políticas educacionais brasileiras: o contexto pós-Durban. Brasília, 20-22 set. 2005.

\_\_\_\_\_. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. Revista Estudos Feministas. São Carlos, v. 9, n 2, p. 515-540, 2001.

\_\_\_\_\_. Educação infantil, classe, raça e gênero. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 96, p. 58-65, fev. 1996.

\_\_\_\_\_. A Escola e as diferenças sexuais. São Paulo. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 15, p. 78-85, dez, 1975.

\_\_\_\_\_. Estudos sobre Mulher e Relações de Gênero. São Paulo: Editora Sumaré, 1993.

SARTI, Cynthia A. O Feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisando uma trajetória. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 12, n. 2, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.php?script=sci\\_arttex&pid=S0104](http://www.scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0104)>. Acesso em: 22 jan. 2007.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995. [Trad.: Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUC/RS].

---

//